

O autor como leitor:

José Saramago como leitor de Camões em *O ano da morte de Ricardo Reis*

Ligia Gomes do Valle¹
Luy Braida Ribeiro Braga²
Webert Guiduci de Melo³

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo fazer uma leitura relacionada da figura do Adamastor em *Os Lusíadas*, de Camões com a figura do Adamastor em *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago a fim de captarmos a utilização dessa alegoria e o tipo de releitura do Adamastor de Camões de que Saramago lança mão para construir sua trama em seu livro *O ano da morte de Ricardo Reis*. As leituras das obras tiveram um caráter comparativo e se focaram basicamente na figura alegórica do Gigante Adamastor, personagem ilustre de um dos considerados mais importantes livros da história de Portugal, por relatar epicamente os feitos dos corajosos marinheiros que embarcaram na conquista dos mares e de novos e desconhecidos territórios para o povo lusitano.

Palavras-chave: Literatura portuguesa; Literatura Comparada; Imaginário lusitano; Intertextualidade.

1. Introdução:

A análise mapeará, através de uma leitura comparada, a figura do Adamastor em *Os Lusíadas*, de Camões e sua releitura em *O ano da morte de Ricardo Reis*, de Saramago. Este livro, lançado no ano de 1984, narra uma história que se passa em 1936, quando Portugal estava imerso em uma ditadura, a Espanha sofria com a guerra civil e a Europa estava prestes a entrar em um novo conflito generalizado. O personagem principal, o poeta Ricardo Reis, ilustre heterônimo de Fernando Pessoa, retorna para Portugal, depois de ter fugido para o Brasil em um momento de crise, e encontra um ambiente complicadíssimo. Ele tenta manter-se isolado das situações da vida política e, também, manter o equilíbrio de sua vida pessoal.

Na obra analisada, Saramago apresenta-se como um escritor-leitor, estruturando sua narrativa a partir de um universo de escritores que escolhe para fazer parte de sua obra. Assim, podemos observar em seu texto um jogo de labirintos que nos remetem a diversos

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora

² Graduada em Língua Portuguesa, e graduanda em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Juiz de Fora

³ Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduando em Ciências Sociais pela UFJF.

contextos e alegorias, bem como a um universo bem mais amplo que sua própria obra. No sentido estrito, a palavra texto remete a uma ordem significativa verbal. Dentro dessa ordem, a literatura vale-se amplamente do recurso intertextual, consciente ou inconscientemente e de diversas formas de articulação e intenções. Em razão disso, o fenômeno da intertextualidade faz-se operador de leitura. O clássico conceito de intertextualidade foi, primeiramente, divulgado por Julia Kristeva: “(...) todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (KRISTEVA, 1974, p. 64). Esse fenômeno intertextual em que um texto se constrói perante a leitura de outro(s) é a base da presente análise e sob consequência desse fenômeno temos o processo de leitura, daí a percepção do autor como leitor, ou seja, de Saramago como leitor de Camões. Antoine Compagnon (1996) chama a atenção para o processo de leitura subjacente até mesmo no ato da citação: “escrever, pois, é sempre reescrever, não difere de citar. A citação, graças à confusão metonímica a que preside, é leitura e escrita, une o ato de leitura ao de escrita. Ler ou escrever é realizar um ato de citação”. (COMPAGNON, 1996, p.31).

A releitura do Adamastor feita por Saramago inclui tanto o fenômeno intertextual quanto o conceito de *alegoria* no qual a análise se construirá. Segundo Carlos Ceia (2010), em seu *Dicionário de Termos literários*: “A decifração de uma alegoria depende sempre de uma leitura intertextual, que permita identificar num sentido abstrato um sentido mais profundo, sempre de caráter moral”. (CEIA, 2010, s/p) Sendo assim, a análise se fundamentará no fenômeno intertextual e na releitura do Adamastor a fim de percebermos o caráter moral presente na obra.

2. O Adamastor em Camões:

Adamastor era um dos “filhos aspérrimos da terra” e, com seus irmãos Encélado, Egeu e Centímano, tomou partido na guerra contra os deuses. Seus irmãos voltaram-se contra o Olimpo, a morada dos deuses. Adamastor rebelou-se contra Oceano e, “conquistando suas ondas”, foi “capitão do mar”, onde dominava Netuno. Após o questionamento de Gama, “quem és tu?”, de difícil resposta, Adamastor conta sua história, se fragilizando e demonstrando seu “ponto fraco”. Diz que era um dos Titãs, gigantes que lutavam contra

Júpiter e que sobrepunham montes para alcançar o Olimpo. Ele, no entanto, buscava a armada de Netuno, nos mares. Através da resposta, o desconhecido passou a ser conhecido e os mares não representaram tanto perigo assim para os corajosos tripulantes do navio português.

Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encélado, Egeu e Centimano;
Chamei-me Adamastor e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
Não que pusesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.
(Lus. V, 52)

Adamastor justifica a sua atitude de tentar tomar o trono de Netuno (Peleu) como um ato de amor, pois deseja Tétis:

Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa.
Todas as deusas desprezei do Céu,
Só por amar das Águas a Princesa.
(Lus. V, 52)

O Gigante se apaixonara pela ninfa Tétis, mulher de Peleu e filha de Nereu e Dóris. Adamastor despreza todas as deusas do Céu, queria apenas amar a Princesa das águas. Não lhe sendo possível abordar a amada, Adamastor toma Dóris como intermediária, ameaçando fazer guerra ao Oceano se não obtivesse os amores de Tétis. Iludido pela ambígua resposta de Dóris, mãe da ninfa, o cego amante enche “com grandes abonaças, / O peito de desejos e esperanças”.

Erguendo-se nua do mar, a ninfa Tétis conduz Adamastor ao seu encontro, porém a ninfa não aceita ficar com ele dizendo que o amor entre eles seria impossível:

Como fosse impossível alcançá-la
Pela grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la,
(Lus. V, 53)

Acreditava beijar “os olhos belos”, “as faces e os cabelos” da ninfa. Crendo ter nos braços a amada, Adamastor encontrou-se abraçado com um “duro monte / De áspero mato e de espessura brava”. Seus irmãos já estavam vencidos. E ele, Adamastor, estava também,

derrotado, porém, de maneira ainda mais cruel: pela desilusão amorosa. Essa alegoria sugere a instabilidade da vida em relação às esperanças humanas. A desilusão, em todas as esferas da vida, desestabiliza constantemente o indivíduo, pois este cria expectativas diante de algo ou alguém, porém a vida é sempre um surgir de surpresas, um jogo onde tudo pode acontecer; o homem é inferiorizado e amedrontado por essa incerteza perante o outro e perante os acontecimentos da vida em geral, o que transparece no personagem Ricardo Reis, da obra de Saramago (1984). A desonra, a vergonha e a decepção são estabelecidas, não só pelos sentimentos, como também por fatores ideológicos que nos tornam ridículos para o outro, para a sociedade e a preocupação com a honra; dessa maneira, não é uma simples questão interior de sentimentos não correspondidos, e sim também de algo maior que envolve diversos fatores condicionados pela rede de relações simbólicas que regem uma sociedade. Daí as palavras de Adamastor:

Da mágoa e da desonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.
(*Lus.* V, 57)

O fato de trair seus irmãos para obter o amor de Tétis fez com que Adamastor se sentisse culpado pela escolha que os levou à derrota, e assim:

Converte-se-me a carne em terra dura;
Em penedos e ossos se fizeram;
Estes membros que vês, e esta figura,
Por estas longas águas se estenderam.
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os Deuses; e, por mais dobradas mágoas,
Me anda Tétis cercando destas águas
(*Lus.* V, 59)

É o grito desesperado daquele que deu a vida pelo amor, daquele que escolheu os mares em vez de seus irmãos da terra – e somente encontrou infortúnio. Finda, enfim, o seu lamento em um “medonho choro”. “Desfez-se a nuvem negra, e com sonoro / bramido muito longe o mar soou”. Vasco da Gama, passada a ameaça, “levantando as mãos ao santo coro / Dos anjos” rogou a Deus “que removesse os duros / Casos, que Adamastor contou futuros”.

Nesse sentido, Adamastor cumpre um papel simbólico, pois, para o imaginário medieval, a travessia oceânica sempre escondia os mais ferozes monstros e os mais

aterradores efeitos climáticos. No mar se refugiavam todos os medos – individuais ou coletivos – do homem do medievo, porém Saramago, em seu livro *O ano da morte de Ricardo Reis*, transporta esse papel do mar para a terra, ou seja, para a vida cotidiana; assim, para Ricardo Reis, a vida é que se torna um mistério. A presença de mulheres em sua vida, a presença do outro e a inserção desse ser na sociedade faz com que Saramago inverta uma famosa frase de Camões que, em *Os Lusíadas*, Canto III, estância 20, escreveu o verso: “Aqui onde a terra se acaba e o mar começa”; em contrapartida, a frase de abertura do romance de Saramago é: “Aqui o mar acaba e a terra principia” (SARAMAGO, 1984, p.7).

3. O Adamastor em Saramago como uma releitura do Adamastor em Camões:

O Adamastor ao qual se faz referência pela primeira vez, em *O Ano da morte de Ricardo Reis* é uma estátua do famoso personagem do Canto V de *Os Lusíadas*. Essa estátua situa-se no miradouro de Santa Catarina, em Lisboa, Portugal. Trata-se de um pequeno jardim na encosta, constituindo uma plataforma de onde se pode admirar o rio Tejo e o porto de Lisboa. No espaço ajardinado, é curiosa a estátua do gigante Adamastor, simbolizando os perigos que os marinheiros portugueses enfrentaram no período das Descobertas e oferecida a imagem como um troféu aos que chegam pelo porto à cidade. Como podemos observar pelo trecho abaixo:

Ainda não são três horas quando chega ao Alto de Santa Catarina. As palmeiras parecem transidas pela aragem que vem do largo, mas as rígidas lanças das palmas mal se mexem. Não consegue Ricardo Reis lembrar-se se já aqui estavam estas árvores há dezesseis anos, quando partiu para o Brasil. O que de certeza não estava era este grande bloco de pedra, toscamente desbastado, que visto assim parece um mero afloramento de rocha, e afinal é monumento, o furioso Adamastor, se neste sítio o instalaram não deve ser longe o cabo da Boa Esperança. (SARAMAGO, 1984, p. 179-180)

Note que no fragmento acima Ricardo Reis utiliza “cabo da Boa Esperança” em vez de cabo das Tormentas. O cabo da “Boa Esperança” representar uma expectativa boa diante da vida em terra firme, a possibilidade da superação das angústias e de dias mais felizes apesar das grandes tragédias que se formulavam naquele momento.

Ricardo Reis espera por Marcenda, uma moça que conheceu no hotel, quando, pela primeira vez, encontra a estátua de Adamastor, vista a princípio como um grande bloco tosco de pedra, o qual, ao perceber-lhe a figura, sugere-lhe o Cabo da Boa Esperança, e não o Cabo das Tormentas. Talvez, nesse momento, ele tenha alguma esperança secreta a respeito de seu relacionamento com Marcenda, e, assim, não atente para a história de sofrimento amoroso associada ao personagem Adamastor, que, nesse momento, é para ele pouco mais que um bloco de pedra. A pedra em si não está distante dos ideais filosóficos de Ricardo Reis, de sua valorização de permanência, imobilidade, impassibilidade, resignação estóica. De fato, nesse momento não se sente nervoso ou atormentado pela paixão, e sim tranquilo, como podemos constatar no trecho abaixo:

Porém, mais do que as surpresas das vidas surpreende-o não se sentir nervoso, seria natural, o recato, o segredo, a clandestinidade, e é como se o envolvesse uma névoa ou tivesse dificuldade em concentrar a atenção, no fundo de si mesmo talvez nem acredite que Marcenda vá aparecer. (SARAMAGO, 1984, p. 179)

A visão do Adamastor também recorda-lhe as navegações dos portugueses, sobre as quais começa a divagar, quando é interrompido por Fernando Pessoa, que volta sua atenção para o encontro esperado, como podemos ver no trecho abaixo:

Friorento, levantando a gola da gabardina, Ricardo Reis aproximou-se da grade que rodeia a primeira vertente do morro, pensar que deste rio partiram, Que nau, que armada, que frota pode encontrar o caminho, e para onde, pergunto eu, e qual, Ó Reis, você por aqui, está à espera de alguém, esta voz é de Fernando Pessoa, ácida, irônica (SARAMAGO, 1984, p. 180).

Fernando Pessoa provoca Reis a apaixonar-se ou a confessar sua paixão, mas, nesse momento, ele não se julga apaixonado, por isso não se identifica com a história de Adamastor:

(...) todos os apaixonados são assim, Não estou apaixonado, Pois muito o lamento, deixe que lhe diga, o D. João ao menos era sincero, volúvel mas sincero, você é como o deserto, nem sombra faz (SARAMAGO, 1984, p. 181).

Mais à frente, em sua conversa com Marcenda, que tinha uma mão parálitica, Reis faz alusão aos Lusíadas e fala ainda em esperança, mas sem relacioná-la ao amor, e sim à cura da doença da menina, como podemos verificar no trecho abaixo:

É como todas as coisas, as más e as boas, sempre precisam de gente que as faça, olhe o caso dos Lusíadas, já pensou que não teríamos Lusíadas se não tivéssemos tido Camões, é capaz de imaginar que Portugal seria o nosso sem Camões e sem Lusíadas, Parece um jogo, uma adivinha, Nada seria mais sério, se verdadeiramente pensássemos nisso, mas falemos antes de si, diga-me como tem passado, como vai a sua mão, Na mesma, tenho-a aqui, na algibeira, como um pássaro morto, Não deve perder a esperança, Suponho que essa já está perdida, qualquer dia sou capaz de ir a Fátima para ver se a fé ainda pode salvar-me (SARAMAGO, 1984, p. 182).

Assim, nessa primeira visão da estátua, o gigante não assume um significado muito pessoal para Reis, recordando-lhe vagamente o épico português e a esperança de melhoras para o futuro. Mais tarde, porém, o poeta se muda do hotel para uma casa no Alto de Santa Catarina; ali sente uma grande solidão, e pode ver sempre a estátua do gigante:

Ricardo Reis tem a testa gelada, apoiou-a na vidraça e ali se esqueceu, vendo cair a chuva, depois ouvindo-lhe apenas o rumor, até que veio o acendedor dos candeeiros, então ficou cada lampião com seu fulgor e aura, sobre as costas de Adamastor cai uma já esmorecida luz, rebrilha o dorso hercúleo, será da água que vem do céu, será um suor de agonia por ter a doce Tétis sorrido de escárnio e maldizendo, Qual será o amor bastante de ninfa, que sustente o dum gigante, agora já ele sabe o que valiam as prometidas abundanças. Lisboa é um grande silêncio que rumoreja, nada mais (SARAMAGO, 1984, p. 222).

Podemos observar no trecho acima que Ricardo Reis, ao observar essa figura, se pergunta se aquela luz que via na estátua era o reflexo da luz na água da chuva ou se era “um suor de agonia por ter a doce Tétis sorrido de escárnio e maldizendo”. Dessa forma, Ricardo Reis começa a tentar entender o sofrimento de Adamastor pelo amor não correspondido e pela armadilha na qual caiu. Mesmo depois de ter virado pedra, ele ainda sofre por essa situação pela qual passou, pela vergonha de ter se enganado e de ter acreditado que o amor seria possível entre os dois.

Em sua solidão, Reis começa a sentir a falta de alguma mulher em sua vida, lembrando-se de Adão e Eva e da Queda. Pensa nas duas únicas mulheres com as quais se relaciona de alguma maneira: Lídia, a criada de hotel que se tornou sua amante, não tem grande valor para ele; Reis lembra-se dela, sem paixão; a moça Marcenda desperta-lhe algum interesse, mas pensa nela somente com pena. O sofrimento pela solidão faz com que Reis tenha pena de si e já não se reconheça nos poemas que escreveu como se fosse um homem muito calmo e resignado:

Vai sentar-se à secretária, mexe nos seus papéis com versos, odes lhes chamou e assim ficaram, porque tudo tem de levar seu nome, lê aqui e além, e a si mesmo pergunta se é ele, este, o que os escreveu, porque lendo não se reconhece no que está escrito, foi outro esse desprendido, calmo e resignado homem, por isso mesmo quase deus, porque os deuses é assim que são, resignados, calmos, desprendidos, assistindo mortos (SARAMAGO, 1984, p. 225).

Assim, paralelamente, aos poucos o gigante Adamastor não lhe parece só um bloco de pedra ou um ser sobrenatural, e sim lhe interessa por sua humanidade, seu sofrimento; afinal, o próprio Reis não pode mais considerar-se impassível ou superior como os seres sobrenaturais. Ao receber a visita do fantasma de Fernando Pessoa, eles começam a discutir sobre o que para eles seria a solidão e novamente a figura do Adamastor reaparece por conta do assunto. Para Reis e Pessoa, a solidão é a base da história de Adamastor com sua amada Tétis, a impossibilidade de se fazer companhia a alguém, a distância entre duas pessoas, e, ainda, a distância entre o que se sente dentro de si, mas que percorre um longo caminho para chegar a ser liberado na ações: “é a distância entre a seiva profunda e a casca” (SARAMAGO, 1984, p. 227).

Assustei-me um pouco quando ouvi bater, não me lembrei que pudesse ser você, mas não estava com medo, era apenas a solidão, Ora, a solidão, ainda vai ter de aprender muito para saber o que isso é, Sempre vivi só, Também eu, mas a solidão não é viver só, a solidão é não sermos capazes de fazer companhia a alguém ou a alguma coisa que está dentro de nós, a solidão não é uma árvore no meio duma planície onde só ela esteja, é a distância entre a seiva profunda e a casca, entre a folha e a raiz, Você está a tresvariar, tudo quanto menciona está ligado entre si, aí não há nenhuma solidão (SARAMAGO, 1984, p. 227)

A solidão de Ricardo Reis está ligada ao seu medo do julgamento da sociedade, pois não quer sentir a mesma vergonha de Adamastor e acabar se transformando também em pedra, sendo este o motivo de sempre imaginar situações e não de executá-las. Na citação abaixo temos Ricardo Reis como Adamastor e Marcenda como Tétis; Fernando Pessoa, mais uma vez, provoca Reis a assumir a paixão por Marcenda, que ele nega; o que impede o amor dos dois, como veremos, é a questão da diferença de idade:

(...) noutra dia, quando nos encontrámos ali no miradouro, lembra-se, estava você à espera daquela sua namorada, Já lhe disse que não é minha namorada, Pronto, não se zangue, mas pode vir a sê-lo, sabe lá você o que o dia de amanhã lhe reserva, Eu até tenho idade para ser pai dela, E daí, Mude de assunto, conte o resto da sua história (SARAMAGO, 1984, p. 228).

Fernando Pessoa tem a concepção de solidão mais ampla que a de Ricardo Reis e que a de Camões, pois Reis menciona o famoso verso “solitário andar por entre a gente”, do poema “O amor é fogo que arde sem se ver”: “Deixemos a árvore, olhe para dentro de si e veja a solidão, Como disse o outro, solitário andar por entre a gente, Pior do que isso, solitário estar onde nem nós próprios estamos,” (SARAMAGO, 1984, p. 227).

Ao mencionar que solitário é estar onde nem nós próprios estamos, Fernando Pessoa revela a situação de fantasma, de estar na cena da vida, mas não estar em vida, compreensão de solidão, esta, que nem Ricardo Reis, nem Camões, tinham sido capazes de sentir ainda, ao fazerem suas afirmações sobre o assunto.

Ao falarem da doença de Ricardo Reis, surge mais uma concepção entre os dois, a da morte, e para isso emerge a questão de terem sido úteis ou não, como se a vida consistisse em sermos úteis. Para Fernando Pessoa esta questão não se resolve, pois não sabemos se em vida somos úteis, visto que a concepção pode variar de pessoas para pessoa sobre o que se crêem que seja útil. Dessa forma, todos podemos nos enganar perante essa concepção de utilidade, e essa, segundo Fernando Pessoa, é o primeiro tipo de solidão:

Mude de assunto, conte o resto da sua história, Foi a propósito de você ter estado com gripe, lembrei-me de um pequeno episódio da minha doença, esta última, final e derradeira, O que aí vai de pleonasmos, o seu estilo piorou muito, A morte também é pleonástica, é mesmo a mais pleonástica de todas as coisas, O resto, Foi lá a casa um médico, eu estava deitado, no quarto, a minha irmã abriu a porta, A sua meia-irmã, aliás a vida está cheia de meios irmãos. Que quer dizer com isso, Nada de especial, continue, Abriu a porta e disse para o médico entre senhor doutor está aqui este inútil, o inútil era eu, é claro, como vê a solidão não tem nenhum limite, está em toda a parte, Alguma vez se sentiu realmente inútil, É difícil responder, pelo menos não me lembro de me ter sentido verdadeiramente útil, creio mesmo que é essa a primeira solidão, não nos sentirmos úteis, Ainda que os outros pensem que nós os levemos a pensar o contrário, Os outros enganam-se muitas vezes, Também nós (SARAMAGO, 1984, p. 228).

Porém, para Fernando Pessoa, a solidão de Ricardo Reis não chega perto de ser a solidão, ou seja, para ele a solidão não se resume à figura de Adamastor como podemos constatar no trecho abaixo:

Fernando Pessoa levantou-se, entreabriu as portadas da janela, olhou para fora, Imperdoável esquecimento, disse, não ter posto o Adamastor na Mensagem, um gigante tão fácil, de tão clara lição simbólica, Vê-o daí, Vejo, pobre criatura, serviu-

se o Camões dele para queixumes de amor que provavelmente lhe estavam na alma, e para profecias menos do que óbvias, anunciar naufrágios a quem anda no mar, para isso não são precisos dons divinatórios particulares, Profetizar desgraças sempre foi sinal de solidão, tivesse correspondido Tétis ao amor do gigante e outro teria sido o discurso dele (SARAMAGO, 1984, p. 228-229).

Na citação acima, Fernando Pessoa revela que Camões cometeu certo exagero ao abordar a figura de Adamastor como a fúria do mar e o perigoso Cabo das Tormentas, crê que o personagem não passou de uma sensação de solidão e de queixumes de amor que estavam em sua alma. Fernando Pessoa acredita, também, que não seria preciso um dom do poeta Camões, porque não utilizou nada de inesperado, e sim o mais óbvio. Assim, vemos que o perigo e o heroísmo ligados à alegoria do gigante em Camões perdem importância para esses personagens do século XX, que estão mais preocupados com a solidão e o sofrimento amoroso simbolizado pelo Adamastor.

Como exemplo desta solidão temos o próprio personagem de Ricador Reis que se recusa a travar conhecimento com seus vizinhos, mesmo quando precisa pedir fósforos emprestados. Reis está sempre isolado, por isso torna-se um mistério para os velhos que frequentam o Alto de Santa Catarina e passa a identificar-se ainda mais com a estátua do gigante, interessando-se pela simetria de ter sido construída oito anos depois de sua partida de Portugal, e oito anos antes de seu retorno à pátria:

Ricardo Reis não foi pedir socorro, ninguém desceu ou subiu a oferecer préstimos, então não teve mais remédio que vestir-se, calçar-se, pôs um cachecol a esconder a barba crescida, enterrou o chapéu pela cabeça abaixo, irritado por se ter esquecido, ainda mais por ter de sair à rua neste preparo, à procura de fósforos. Foi primeiro à janela, a ver que tempo estava, céu coberto, chuva nenhuma, o Adamastor sozinho [...] Foi dar a volta à estátua, ver quem era o autor, quando fora feita, a data lá está, mil novecentos e vinte e sete, Ricardo Reis tem um espírito que sempre procura encontrar simetrias nas irregularidades do mundo, oito anos depois da minha partida para o exílio foi aqui posto Adamastor, oito anos depois de aqui estar Adamastor regresso eu à pátria [...] Os velhos encaram com Ricardo Reis, desconfiam daquele rondar em torno da estátua, mais convencidos agora ficam de que há mistério neste homem, quem é, que faz, de que vive (SARAMAGO, 1984, p. 232-233).

Em seu isolamento, Reis chega a tentar sentir-se uma estátua:

“tentou sentir-se morto, olhar com olhos de estátua o leito vazio, mas havia uma veia a pulsar-lhe na fonte esquerda, a pálpebra do mesmo lado agitava-se, Estou vivo, murmurou, depois em voz alta, sonora, Estou vivo, e como não havia ali ninguém que pudesse desmenti-lo, acreditou” (SARAMEGO, 1984, p. 235).

Chega a considerar Lídia como uma intrusa, embora se aproveite dela sexualmente. Ao receber a notícia de que Marcenda chegaria a Lisboa, porém, Ricardo Reis fica em uma grande expectativa. Assim, já pode encarar o sofrimento como Camões e seu personagem Adamastor, pois a pequena espera pela visita da moça a sua casa faz com que sinta uma ansiedade que poderia ser inútil, já que Marcenda era uma jovem com menos da metade de sua idade:

Hoje é o derradeiro dia do prazo que ninguém marcou. Ricardo Reis olha o relógio, passam alguns minutos das quatro, tem a janela fechada, no céu são poucas as nuvens, e vão altas, se Marcenda não vier, não terá a fácil justificação dos últimos tempos, Eu bem no queria, mas a chuva era tanta, como podia eu sair do hotel, mesmo estando meu pai ausente, acho que lá nos seus amores, não faltaria perguntar-me o gerente Salvador, com a confiança que lhe demos, A menina Marcenda vai sair, com esta chuva. Uma vez, dez vezes viu Ricardo Reis as horas, são quatro e meia, Marcenda não veio e não virá, a casa escurece, os móveis escondem-se numa sombra trémula, é possível, agora, compreender o sofrimento de Adamastor (SARAMAGO, 1984, p. 247).

Como pudemos ver no trecho acima, temos Ricardo Reis se colocando na situação do Adamastor. E é daí que surge uma metáfora que resume todo o comportamento de Ricardo Reis: o medo de passar vergonha e transformar-se em pedra por conta disso.

Temos no trecho abaixo Ricardo Reis analisando os traços da estátua de Adamastor no miradouro e acreditando que Camões exagerou muito nos traços, que Adamastor sofria de amor, assim como muitos homens, não é uma figura peculiar que representa o Cabo das Tormentas, e sim a representação do puro sofrimento amoroso.

Se a manhã está agradável sai de casa, um pouco soturna apesar dos cuidados e desvelos de Lídia, para ler os jornais à luz clara do dia, sentado ao sol, sob o vulto protector de Adamastor, já se viu que Luís de Camões exagerou muito, este rosto carregado, a barba esquálida, os olhos encovados, a postura nem medida nem má, é puro sofrimento amoroso o que atormenta o estupendo gigante, quer ele lá saber se passam ou não passam o cabo as portuguesas naus (SARAMAGO, 1984, p. 266).

Essa reflexão é precedida pela leitura dos jornais, em que Reis reflete sobre a indiferença do mundo, a falta de preocupação da natureza ou dos deuses com os acontecimentos humanos. Para esse homem do século XX, o sobrenatural que o gigante Adamastor representava já não tem importância para o homem, e não acredita que fosse se

interessar pelo destino das naus portuguesas; a *alegoria*⁴ do gigante só vale, para ele, pela relação com seu sofrimento pessoal: apenas as dimensões humanas do gigante importam.

Dessa maneira, o sofrimento que perpassa a vida do personagem Ricardo Reis não passa de um sofrimento amoroso, a solidão é enganada quando este se encontra com Lúdia ou pensa em Marcenda: “E Marcenda, que mulher será Marcenda, a pergunta é inconsequente, mero entretém de quem não tem com quem falar,” (SARAMAGO, 1984, p. 246-247). Diz-lhe também o Pessoa que as duas mulheres são, na verdade, desconhecidas:

Então deve saber que coisas, desse lado, são significantes, se as há, Estar vivo é significativo, Meu caro Reis, cuidado com as palavras, viva está a sua Lúdia, viva está a sua Marcenda, e você não sabe nada delas, nem o saberia mesmo que elas tentassem dizer-lho, o muro que separa os vivos uns dos outros não é menos opaco que o que separa os vivos dos mortos (SARAMAGO, 1984, p. 278-279).

Ricardo Reis acaba, no final do livro, preferindo a morte à vida, pois o contato com o desconhecido (Lúdia e Marcenda) lhe desperta insegurança, medo, traumas, surpresas, o imprevisível, entre outros elementos dos quais ele tenta fugir, moderar. No trecho abaixo, diante de uma carta de Marcenda, em que a moça rompe suas relações com Reis, após terem trocado dois beijos em ocasiões diferentes, ele se revela com o descontrole de seus sentimentos e se pergunta se tudo aquilo que está sentindo não passa de uma encenação teatral, ou seja, se sente perdido diante do outro, do estranho e da resposta irracional e às vezes descontrolada em que se configuram os sentimentos:

Um homem recebe uma carta de prego ao largar do porto, abre-a no meio do oceano, só água e céu, e a tábua onde assenta os pés, e o que alguém escreveu na carta é que daí para diante não haverá mais portos aonde possa recolher-se, nem terras desconhecidas a encontrar, nem outro destino que o do Holandês Voador, não mais que navegar, içar e arrear as velas, dar à bomba, remendar e pontear, raspar a ferrugem, esperar. Vai à janela, ainda com a carta na mão, vê o gigante Adamastor, os dois velhos sentados à sombra dele, e a si mesmo pergunta se este desgosto não será representação sua, movimento teatral, se em verdade alguma vez acreditou que amasse Marcenda, se no seu íntimo obscuro quieria, de facto, casar com ela, e para quê, ou se não será tudo isto banal efeito da solidão, da pura necessidade de acreditar que algumas coisas boas são possíveis na vida, o amor, por exemplo, a felicidade de que falam a toda a hora os infelizes, possíveis a felicidade e o amor a este Ricardo Reis, ou àquele Fernando Pessoa, se não estivesse já morto. Marcenda existe, sem dúvida, esta carta escreveu-a ela, mas Marcenda, quem é, que há de comum entre a rapariga vista pela primeira vez na sala de jantar do Hotel Bragança, quando não

⁴ Esse termo é utilizado a partir da concepção retirado do *Dicionário de Termos literários* de Carlos Ceia supracitado na introdução do presente artigo.

tinha nome, e esta em cujo nome e pessoa vieram depois juntar-se pensamentos, sensações, palavras, as que Ricardo Reis disse, sentiu e pensou, Marcenda lugar de fixação, quem era então, hoje quem é, senda do mar que se apaga depois da passagem do barco, por enquanto alguma espuma, o turbilhão do leme, por onde foi que eu passei, que foi que passou por mim, Ricardo Reis relê uma outra vez a carta, na parte final, onde está escrito, Não me escreva, e diz consigo mesmo que não acatará o pedido, irá responder, sim, para dizer não sabe o quê, depois se verá, e se ela fizer o que promete se não for à posta-restante, então que fique a carta à espera, o que importa é ter sido escrita, não é que venha a ser lida (SARAMAGO, 1984, p. 300-301).

Ao relacionar suas musas dos poemas com as mulheres vivas e desconhecidas que de fato mexeram com ele, Ricardo Reis revela que elas eram fruto de sua imaginação e que não possuíam voz e corpo; o fato de estar vivo traz uma relação diferente com as mulheres, envolvida de afetos, sentimentos, contato corporal, sentidos sensoriais do corpo, a palavra, entre outros.

Então Ricardo Reis explicaria, para prevenir eventuais ciúmes, que aquelas mulheres de quem Marcenda irá ouvir falar não são mulheres verdadeiras, mas abstrações líricas, pretextos, inventado interlocutor, se é que merece este nome de interlocutor alguém a quem não foi dada voz, às musas não se pede que falem, apenas que sejam, Neera, Lídia, Cloe, veja lá o que são coincidências, eu há tantos anos a escrever poesias para uma Lídia desconhecida, incorpórea, e vim encontrar num hotel uma criada com esse nome, só o nome, que no resto não se parecem nada. (SARAMAGO, 1984, p. 296)

Diante de sua imaginação de como seria a resposta de Marcenda ao ler um poema seu Ricardo Reis não se contenta com a resposta e imagina quais possíveis repercussões que sua poesia traria a Marcenda e finalmente se compara com a Figura de Adamastor diante desse fato, o engano e a decepção o tornam momentaneamente como uma estátua, sem resposta diante da pergunta de Marcenda, como podemos observar no trecho abaixo:

Leu e tornou a ler, vê-se-lhe no olhar que compreendeu, porventura a terá ajudado uma lembrança, a das palavras que ele disse no consultório, da última vez que estivemos juntos, Alguém que se sentou na margem do rio a ver passar o que o rio leva, à espera de se ver passar a si próprio na corrente, claro que entre a prosa e a poesia tem de haver certas diferenças, por isso entendi tão bem da primeira vez e agora comecei por entender tão mal. Ricardo Reis pergunta, Gostou, e ela diz, Ah, gostei muito, não pode haver melhor nem mais lisonjeadora opinião, porém os poetas são aqueles eternos insatisfeitos, a este disseram o mais que cabe dizer, o próprio Deus gostaria que isto lhe declarassem do mundo que criou, e afinal cobriu-se-lhe o olhar de melancolia, suspira, aqui está Adamastor que não consegue arrancar-se ao mármore onde o prenderam engano e decepção, convertida em penedo a carne e o osso, petrificada a língua, Por que é que ficou tão calado, pergunta Marcenda, e ele não responde. (SARAMAGO, 1984, p. 297)

Após ter sonhado ter curado a mão morta de Marcenda e ela por resposta ter desaparecido Ricardo Reis encontra mais uma possível desilusão para sua vida. Através do trecho abaixo podemos comparar a situação com a de Adamastor e de Tétis:

... e Marcenda, por trás da floresta de cabeças uivantes, acena com os dois braços levantados e desaparece, criatura ingrata, achou-se servida e foi-se embora. Ricardo Reis abriu os olhos, desconfiado de que adormecera, perguntou ao passageiro do lado, Quanto tempo ainda falta, Estamos quase a chegar, afinal dormira, e muito. (SARAMAGO, 1984, p. 308)

O medo da resposta inesperada, da falta de gratidão e da proporção cruel e monstruosa que esse ser estranho possa ter, faz com que o medo de virar pedra e de se tornar eternamente Adamastor aumente. Talvez não seja nem por ele, mas pela sociedade, pelo o que os outros iram pensar, pela preocupação em ter uma vida fora dos escândalos, fora do exagero, fazendo com que no final Ricardo Reis opte por continuar “do lado de lá”, no plano da morte, embora Fernando Pessoa tenha lhe falado que “o muro que separa os vivos uns dos outros não é menos opaco que o que separa os vivos dos mortos”. (SARAMAGO, 1984, p. 279), Ricardo Reis não vê o porquê da vida, sente-se inútil assim como ela, não encontra algo que lhe faça ser feliz, e sim, algo que lhe faça sofrer, e daria tudo, todas as horas e minutos de sua vida em troca de conhecer o brilho e momento de esplendor que a vida possa oferecer como podemos constatar no trecho abaixo:

Diz-se que o tempo não pára, que nada lhe detém a incessante caminhada, é por estas mesmas e sempre repetidas palavras que se vai dizendo, e contudo não falta por aí quem se impacienta com a lentidão, vinte e quatro horas para fazer um dia, imagine-se, e chegando ao fim dele descobre-se que não valeu a pena, no dia seguinte torna a ser assim, mais valia que saltássemos por cima das semanas inúteis para vivermos uma só hora plena, um fulgurante minuta, se pode o fulgor durar tanto. (SARAMAGO, 1984, p. 255)

Fernando Pessoa revela que, na vida de morto, vai se esquecendo das coisas. Se lembrar do Adamastor não seria uma lembrança que levaria a um ponto referencial para se chegar a Ricardo Reis e sim remete-lhe a uma outra lembrança, relacionada à sua infância:

Vejo-o cada vez menos, queixou-se Ricardo Reis, Eu avisei-o logo no primeiro dia, com o passar do tempo vou-me esquecendo, ainda agora, ali no Calhariz, tive de puxar pela memória pai encontrar o caminho da sua casa, Não devia ser-lhe difícil, bastava lembrar-se do Adamastor, Se pensasse no Adamastor mais confuso ficaria,

começava a pensar que estava em Durban, que tinha oito anos, e então sentia-me duas vezes perdido, no espaço e na hora, no tempo e no lugar, Venha mais vezes, será a maneira de manter fresca a lembrança(SARAMAGO, 1984, p. 330)

Como sabemos, a infância representa o momento de descoberta, de contato com o desconhecido, das primeiras experiências da vida que nos possibilitam criar significações que fazem com que “achemos” que conhecemos as coisas e as pessoas. Dessa maneira, o papel do Adamastor remetendo à infância de Fernando Pessoa é de fundamental relevância ao se tratar do desconhecido agora não nos mares, mas sim na vida.

No trecho abaixo temos um relato de Ricardo Reis que nos diz ser ele “corrente da espécie vulgar”, não gosta do que chama a atenção dos outros, da sociedade, do que se encontra fora dos padrões estabelecidos ideologicamente pela sociedade e seus diversos fatores que mediam e regem suas relações simbólicas. Pelo termo “amador equilibrado”, encontrado no trecho abaixo, temos ainda a ambiguidade do termo, pois, no amor, não se encontra o equilíbrio, por estar não só diante do outro, como ser amado, como também diante da inesperada vida que pode trazer, por mais que prevejamos acontecimentos inesperados e desconhecidos Essa expressão pode nos remeter ainda a um sujeito amador no sentido de inexperiente, pois todos nós somos inexperientes perante a vida e o elemento “equilibrado”, dessa forma, também se encontra contraditório nesse sentido.

Eu estou num ponto mediano, sou comum, corrente, da espécie vulgar, nem de mais, nem de menos, Enfim, o amador equilibrado, Não é bem uma questão geométrica, ou de mecânica, Vai-me dizer que a vida também não lhe tem corrido bem, O amor é difícil, meu caro Fernando, Não se pode queixar, ainda aí tem a Lídia, A Lídia é uma criada, E a Ofélia era dactilógrafa, Em vez de falarmos de mulheres, estamos a falar das profissões delas, E ainda há aquela com quem você se encontrou no jardim, como é que ela se chamava, Marcenda, Isso, Marcenda não é nada, Uma condenação assim tão definitiva, soa-me a despeito, Diz-me a minha fraca experiência que despeito é o sentimento geral dos homens para com as mulheres, Meu caro Ricardo, nós devíamos ter convivido mais, Não o quis o império. (SARAMAGO, 1984, p. 331)

Ainda no trecho acima temos a ideologia marcada através da menção às profissões das mulheres presentes nas vidas dos personagens Fernando Pessoa e Ricardo Reis “Não se pode queixar, ainda aí tem a Lídia, A Lídia é uma criada, E a Ofélia era dactilógrafa” o que torna a questão das profissões das suas mulheres um dos fatores que estabelecem obstáculos para a concretização desse amor ideologicamente marcado.

No trecho abaixo, temos a relatividade e a ambigüidade da palavra quando se faz referência a Adamastor e à resposta mal interpretada que a mãe de Tétis lhe deu através do trecho: “depende muito da disposição de quem ouve. “ O nosso conhecimento de mundo, nossas experiências com ele e nossos desejos, necessidades e aspirações fazem com que nós distorça a realidade e criemos um real nosso, que nos ilude e nos deixa vulneráveis diante a vida.

Invisíveis, as cigarras cantam nas palmeiras do Alto de Santa Catarina. O coro estrídulo que estruge aos ouvidos de Adamastor não merece que lhe demos o doce som de música, mas isto de sons também depende muito da disposição de quem ouve, como o terá escutado o gigante amoroso quando na praia passeava à espera de que viesse a Dóri alcoveta a aprazar com ele o desejado encontro, então o mar cantava e era a bem-amada voz de Tétis que pairava sobre as águas, como se diz que costuma fazer o espírito de Deus Aqui, quem canta são os machos, roçam asperamente as asas e produzem este som infatigável, obsessivo, serraria de mármore que de súbito lança para o ar ardente um guincho agudíssimo como se um veio mais duro começasse a ser cortado no interior da pedra. (SARAMAGO, 1984, p. 343)

No último trecho do livro temos a figura do Adamastor como o próprio Ricardo Reis, que não olhou para trás. O olhar para trás, já que a estátua está de frente para o Mar, seria olhar para a terra, olhar para a vida; dessa maneira, interpretamos que Ricardo Reis abandona a vida e vai embora para a terra dos mortos, sem olhar para trás, sem olhar para o que estava deixando na sua experiência com a vida. Dar um grande grito significa liberar algum sentimento que você tem, mas Ricardo Reis jamais faria isso imbuído da sua ideologia. Além disso, Reis se deixa abalar pela morte do irmão de Lídia, quando este morre num confronto com as forças da ditadura. A morte do Irmão de Lídia leva Reis a não mais se manter indiferente à situação.

Ricardo Reis não só sentiu-se um Adamastor perante a vida como também percebeu que a própria vida se configura como Adamastor, ara os lusitanos no mar de solo incerto da vida.

Então vamos, disse Fernando Pessoa, Vamos, disse Ricardo Reis. O Adamastor não se voltou para ver, parecia-lhe que desta vez ia ser capaz de dar o grande grito. Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera. (SARAMAGO, 1984, p. 415)

4. Conclusão:

Como resultado dessa leitura comparativa que fizemos, percebemos que Saramago em *O ano da morte de Ricardo Reis* constrói uma crítica através da intertextualidade e da leitura que faz não só das obras de Camões como de diversas outras obras, como Borges e Fernando Pessoa, e do mundo, da vida em geral. É uma crítica em relação ao imaginário das pessoas que está voltado para o mito do retorno do tempo em que Portugal se configurava como o quinto império, ou seja, em direção ao mar. Saramago tenta reverter esse cenário através de sua trama, construindo um alerta para o indivíduo que se encontra no passado e na espera pelo que não volta, distração da tarefa de enfrentar a vida. Como anteriormente mencionado, a *alegoria* presente no papel do Adamastor em Saramago, é fruto do fenômeno intertextual e remete a uma questão moral referente, como pudemos perceber através da análise, a uma postura alienada devido ao passado histórico lusitano.

Com isso, a partir da leitura da obra, Saramago deixa-nos a lição de prestar mais atenção na vida e no que ela proporciona que não nos petrifica como a estátua do Adamastor, ou nos diminui diante das ideologias e crenças estabelecidas diante do desconhecido da vida. Não devemos nos manter na caverna de Platão, devemos encarar nossos medos mesmo diante do desconhecido para que possamos viver a vida e nos libertar das algemas que somos nós mesmos.

Reis foi humanizado, não conseguiu viver mais isolado e inerte aos acontecimentos do mundo. Percebeu que o Olímpio dos deuses era apenas uma ilusão e desceu até a terra para amar, chorar, desesperar e finalmente morrer. Saramago demonstra a importância de viver as experiências e como estas coisas constroem o ser humano.

REFERÊNCIAS

CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

CEIA, Carlos. *Dicionário de Termos literários*. Disponível em: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=532&Itemid=2. Acessado em: 11/06/2012

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semianálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Rio de Janeiro: Record, 1984.